

**“TÁ GRITANDO POR QUÊ? NA HORA DE FAZER NÃO GRITOU! BOTA FORÇA,  
NEGA!”... PREVALÊNCIA DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA CONTRA A MULHER NEGRA**

BRUNA SENA LOPES<sup>1</sup>

LUIZA MARGARETH DOS SANTOS LEAL<sup>2</sup>

JOELMA SALES DOS SANTOS<sup>3</sup>

NAIONARA NORBERTO SANTOS<sup>4</sup>

ANTÔNIO CARLOS SANTOS SILVA<sup>5</sup>

A violência obstétrica no Brasil constitui-se como problema de saúde pública, tendo em vista que acomete muitas mulheres, principalmente as mulheres negras. O objetivo deste estudo foi descrever as evidências científicas brasileiras acerca da violência obstétrica em mulheres negras no Brasil. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados do SciELO e google acadêmico, utilizando-se os descritores “violência obstétrica”, “mulher negra”, “Brasil” e “racismo”. O racismo no Brasil é estrutural e se manifesta nas diversas formas de desigualdades existentes no país. O racismo institucional faz com que as mulheres negras tenham as piores condições de acesso à saúde, sobretudo, no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, tornando-a com maior vulnerabilidade em saúde (BORRET *et al.*, 2020). Entende-se por violência obstétrica a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres por profissional de saúde que se expresse

<sup>1</sup> Assistente social. Pós-graduanda em Serviço Social Políticas Públicas com Ênfase em Saúde Pública. Discente do Programa de extensão Aspectos Sociais e Cuidados em Saúde da População Negra – ODEERE/UESB. E-mail: [brunasenalopes@outlook.com](mailto:brunasenalopes@outlook.com)

<sup>2</sup> Licenciatura em História. Especialista em Antropologia com Ênfase em Cultura Afro-brasileiras. Discente do Programa de extensão Aspectos Sociais e Cuidados em Saúde da População Negra – ODEERE/UESB. E-mail: [lealgal@hotmail.com](mailto:lealgal@hotmail.com)

<sup>3</sup> Tecnóloga em Logística. Pós graduanda em Logística empresarial. Discente do Programa de extensão Aspectos Sociais e Cuidados em Saúde da População Negra – ODEERE/UESB. E-mail: [sales.joelma@hotmail.com](mailto:sales.joelma@hotmail.com)

<sup>4</sup> Enfermeira. Discente do Programa de extensão Aspectos Sociais e Cuidados em Saúde da População Negra – ODEERE/UESB. E-mail: [naionaranorberto32@gmail.com](mailto:naionaranorberto32@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutor em Ciências da Saúde. Professor do Departamento de Saúde II e ODEERE. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: [antonio.silva@uesb.edu.br](mailto:antonio.silva@uesb.edu.br)



por meio de relações desumanizadoras, de abuso de medicalização e de patologização dos processos naturais, resultando em perda de autonomia e capacidade de decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres (DINIZ *et al.*, 2015). Os dados sobre a violência obstétrica por todo o mundo envolvem situações de maus-tratos, desrespeito, abusos e negligências, caracterizando uma violação dos direitos humanos realizadas diariamente por profissionais de saúde, sendo mais frequentes durante a assistência ao parto e ao nascimento (JARDIM; MODENA, 201; ASSIS, 2018). A violência que as mulheres negras vivenciam todos os dias no ciclo-gravídico puerperal (pré-natal, parto e pós-parto) na saúde pública brasileira, evidencia um quadro de violência psicológica, física e psíquica (LIMA, 2016). Em relação à física, é caracterizada por práticas e intervenções desnecessárias e/ou violentas, sem o consentimento da mulher. Exemplos desse processo são a utilização da manobra de Kristeller, exames de toque de forma contínua e desnecessárias, a episiotomia e até estupros das parturientes, negligência, maus tratos ou desrespeito durante a assistência ao parto e ao pós-parto, não cumprimento dos padrões profissionais de cuidado ou dos direitos da gestante, como a presença de um acompanhante, aplicação de remédios para induzir o parto sem o consentimento da gestante, ou até mesmo a não medicação para o alívio das dores. Já a verbal, é descrita como comentários constrangedores, ofensivos ou humilhantes à gestante, sendo muito comum nas assistências ao aborto, pelo estigma associado, tais como as expressões: “vai nega, na hora de fazer foi gostoso”, “se entrou, tem de sair”, “essa aí é parideira, ano que vem está aqui outra vez”, “se gritar vai ficar aí sozinha”. Outrossim, a psíquica é indicada por qualquer ação verbal ou comportamental que cause na mulher sentimentos de inferioridade, vulnerabilidade, abandono, medo, instabilidade emocional e insegurança, a mesma é muito presente em todos os períodos da gestação (SERRA, 2017; CARVALHO *et al.*, 2019; SILVA). Assim, a violência obstétrica que as mulheres sofrem, acontece em todas as fases,

desde o período gestacional, perpassando pelo parto e pós-parto, evidenciando desta maneira a falta de cuidado e proteção dos direitos reprodutivos destas mulheres e dos seus corpos. Logo, toda mulher quando engravida pode sofrer algum tipo de violência obstétrica, porém, quando se é feita uma comparação entre mulheres brancas e negras, a mulher negra tem uma maior chance de violação e violência dos seus corpos. Conclui-se que, muitas das manobras ainda feitas no parto, prejudicam as mulheres causando danos físicos e mentais de grandes proporções.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, J. F. D. (2018). Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica. **Serviço Social & Sociedade**, 547- 565. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.159>.

BORRET RH, SILVA MF da, JATOBÁ LR, VIEIRA RC, OLIVEIRA DOPS de. “A sua consulta tem cor?” Incorporando o debate racial na Medicina de Família e Comunidade. **Rev Bras Med Família e Comunidade**. 2020;15(42):2255.

CARVALHO AS et al, Violência obstétrica: a ótica sobre os princípios bioéticos e direitos das mulheres. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 26, n.1, p. 52-58, 2019.

DINIZ, Carmen Simone Grilo et al. Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 377-384, 2015

JARDIM, D. M. B.; MODENA, C. M. Obstetric violence in the daily routine of care and its characteristics. **Revista latino-americana de enfermagem**, 26., 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069>,

LIMA KD. **Raça e Violência Obstétrica no Brasil** [monografia]. Recife: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz; 2016. 25 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde**. 2014.

SILVA, A.O. **Caracterização do conhecimento das puérperas acerca da violência obstétrica**, 2019, 65 p., Dissertação (Graduação em Enfermagem) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2019.

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

SILVA AS, SERRA MCM, Violência obstétrica no Brasil: um enfoque a partir dos acórdãos do STF e STJ, **Quaestio Iuris**, v.10, n.4, p. 2430-2457, 2017.